

CURRÍCULO, COVID-19 E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: OS BASTIDORES DAS AULAS REMOTAS NA ATUAL CONJUNTURA PANDEMICA

Rayane Kelly dos Santos Bezerra ¹
Eugenia Priscila Moreira da Silva ²

INTRODUÇÃO

Estamos em um momento global que nos faz refletir incessantemente sobre diversos pontos da nossa sociedade. Momento esse, que nos transborda de questionamentos referente à política, saúde pública, questões sociais e sobre a educação. A pandemia, oriunda do COVID-19, abalou as estruturas do País, embora essas estruturas não sejam completamente organizadas, a falta de controle quase que total sobre elas, acionou a necessidade de se pensar de forma coletiva sobre como lidar com esses novos moldes. Falando estritamente sobre a Educação no Brasil na atual conjuntura, deve-se considerar inicialmente, as consequências da pandemia para a educação em um contexto geral no país, observando também o viés social e político que está diretamente atrelado às ações que foram e são tomadas na luta contra o COVID-19.

Refletindo sobre a educação em seu formato geral, se faz necessário um olhar mais carinhoso para a Educação Especial, que em tempos antecessores desse desastre que se deitou sobre o mundo já era deixada de lado, sucateada e apesar de ser debatida na teoria, nem sempre o que se debate consegue ser colocado em prática.

Como pensar e como fazer uma educação onde os métodos pedagógicos consigam ser eficazes para alunos com deficiência, déficits ou necessidades especiais? Como adaptar um currículo nessa conjuntura? Como organizar uma aula onde aquele aluno consiga ser incluído neste formato online? São inúmeros os pensamentos que surgem quando se pensa na educação especial nesse tempo pandêmico. Como são os bastidores dessa aula online? Desde a construção e adaptação do currículo, a conversa dos

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, rayane.bezerra@ufpe.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, eugenia.priscila@ufpe.br;

profissionais envolvidos na Educação Especial, até a aula chegar nesse aluno. Mas...
Será que chega?

Entende-se que hoje, mais do que nunca é de suma importância se debater sobre educação principalmente nesses novos moldes aplicados, onde este formato online/remoto segue sendo construído e concretizado em uma bolha elitista que fecha os olhos para as especificidades dos alunos, construindo muralhas banhadas a uma educação excludente. Isso ocasiona uma aprendizagem falha ou quase nula para os alunos em questão, os quais necessitam que lhe sejam oferecidos apoio pelo sistema e pela própria escola. Apoio esse que quase sempre lhe é negado.

Neste sentido, esta pesquisa tem por objetivo conversar sobre os bastidores das aulas remotas, levando em conta as óticas existentes nessa vivência: os pais e os acompanhantes desses alunos (que trabalham como reforço para além das paredes da instituição escolar).

Dentro do contexto que estamos vivenciando se torna de extrema importância pensar nas adaptações que precisaram ser efetuadas para que ele abranja o maior número de estudantes possível, partindo do pressuposto de que ele precisa se manter democrático e inclusivo a partir do contexto pandêmico, é preciso estarmos atentos às mudanças a serem realizadas dentro do mesmo. Para tais mudanças, dentro da grade curricular de Recife, observamos inicialmente que o regime online foi proposto para durar no máximo o período de quinze dias, quando os quinze dias passaram, e fez-se necessário um período maior, o acontecido foram escolas adaptando seus currículos das formas mais variadas. E até hoje dentro da rede escolar de Recife, tanto pública como privada, é difícil que exista uma unidade com respeito às práticas curriculares. A única certeza garantida é a do uso das telas digitais, sejam elas a de telefones ou de computadores.

E após um ano de aulas dentro do contexto remoto, e de um currículo alterado parcialmente, o questionamento que surge ao observarmos a realidade da maior parte dos alunos, é de que essas mudanças parciais promoveram a democracia e a acessibilidade que deveria existir dentro do mesmo? A resposta que temos ao observar a realidade atual é de que não, o currículo vigente, ainda não atende as necessidades dos estudantes, pois o número de alunos que continuam sem acesso, às aulas, e que por vezes não assimilam o conteúdo passado é gritante, pois o mesmo ainda não é pensado nas peculiaridades e necessidades dos alunos. É necessário compreender que o ser aluno não é igual e que todos eles necessitam de um olhar mais individual, sem deixar de lado o coletivo.

METODOLOGIA

Este documento tem caráter exploratório e acordo com Gil (2002, pag 41), esse tipo de pesquisa têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. O mesmo autor (pág 42), retifica que as pesquisas exploratórias apresentam levantamentos bibliográficos e entrevistas. Para além de um viés exploratório, é uma pesquisa qualitativa que de acordo com Córdova e Silveira (2009, pág 34) esse tipo de pesquisa “preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. “

Como objeto de estudo foram entrevistadas mães e professoras de reforço da cidade de Recife, capital Pernambucana, que acompanham crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista) em seus diversos graus, TPAC (Transtorno do Processamento Auditivo Central), Glaucoma Congênita e Má formação Congênita do Vítreo nesse atual cenário de aulas remotas e híbridas, nos mostrando que os medos, as dificuldades e todos os questionamentos que tomam seu dia a dia no que se refere a educação de seus filhos/alunos tornaram-se ainda mais vívidos e sensíveis desde o início de 2020.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Especial no país, apesar de não receber os investimentos devidos e de ser sucateada pelos governantes - vide a atual gestão e suas ações para com a educação- luta árdua e incansavelmente para ser reconhecida e, enfim, aplicada de vias e fatos. Se faz necessário, principalmente na nossa atual vivência, contextualizar a Educação Especial desde seus primeiros indícios de nascimento, até os dias vigentes.

Para Rogalski (2010), no Brasil “Até a década de 50, praticamente não se falava em Educação Especial. Foi a partir de 1970, que a educação especial passou a ser discutida, tornando-se preocupação dos governos com a criação de instituições públicas e privadas, órgãos normativos federais e estaduais e de classes especiais.” . Todo esse processo de debater a Educação Especial no País, se divide em três momentos: De 1854 a 1956, foi marcado por iniciativas de cunho privado; de 1957 a 1993, foi definida por

ações de esfera nacional e de 1993 em diante, surgiram cada vez mais movimentos que lutam a favor da inclusão nas instituições de ensino. A primeira fase da Educação Especial no Brasil não passou de uma forma assistencial, onde focava unicamente no bem-estar da pessoa, logo após, na segunda fase foram priorizados os âmbitos psicológicos e médicos, aos passos lentos, instaurou-se nas instituições de educação escolar e depois ‘fincou-se’ com o objetivo de integrar esses alunos em um contexto de educação regular.

CURRÍCULO x PANDEMIA

Visando conversar sobre as consequências da aplicação de um currículo nessa conjuntura pandêmica, precisamos primeiramente entender o que é currículo. Segundo Azevedo, Lima e Nascimento (2020, p. 1): “ Pensar currículo e prática docente é compreender o currículo como uma construção cultural diretamente ligada à forma de organização social, logo nem ele nem as práticas docentes são neutros e imparciais. ” Partindo desta visão podemos observar o currículo como sendo um documento de extrema importância e que deve estar sempre sujeito a adaptações para que o mesmo se adeque a realidade em que será utilizado, jamais sendo visto como um instrumento a ser usado para dificultar a experiência escolar. Em sua constituição o currículo escolar deve ser democrático, e sempre atento às necessidades da comunidade onde será usado, como já antes mencionado. O mesmo precisa sempre estar em acordo com o meio onde está inserido, daí a necessidade de sempre responder às atualizações e momentos históricos, para que não fique desatualizado. Incorporar e considerar as necessidades dos alunos é o que mantém o currículo como uma parte importante no organismo vivo da prática pedagógica.

Na cidade do Recife, se encontra um documento chamado Política de Ensino da Rede Municipal do Recife: Educação Inclusiva, Múltiplos Olhares. O documento observado não é de cunho curricular, mas sim de um documento com práticas pedagógicas, e sugestões a serem implementadas em sala de aula pelos professores. De cunho curricular, para a educação especial, a prefeitura da cidade não possui nenhum documento.

A falta de um currículo para a educação especial nos mostra o tamanho da disparidade que ainda existe dentro da rede municipal, que continua praticando a política

de separar os alunos com deficiência, das outras crianças, criando dessa forma mais uma barreira que precisa ser derrubada. É necessário que seja construído um trabalho coletivo nesse processo educativo para que esses métodos pedagógicos consigam abranger esses alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já falado anteriormente, um dos maiores questionamentos dos docentes nessa vivência remota - se não o maior deles - é como adaptar o currículo para aulas online. E como adaptar esse currículo para alunos que necessitam de um olhar especial? Como fazer uma educação inclusiva? Como abranger esses alunos nas dinâmicas, nas temáticas? Como compreender as particularidades desses alunos e fazer a aula ser de fácil entendimento para ele? De certo essas são perguntas que deveriam ser feitas durante o processo de transformação do currículo e de criação das aulas. Mas infelizmente, não é bem isso que se percebeu ao decorrer das entrevistas.

Os diferentes resultados que se apresentaram na entrevista, despertaram mais do que nunca questionamentos e reflexões sobre o que é fazer Educação e o que é ser Educador. Vivências distintas, nem todas horríveis, mostram com mais afinco o desequilíbrio causado pela ausência de um currículo especializado para um contexto geral e um currículo adaptado para alunos que tem que parar de ser deslegitimados enquanto estudantes, enquanto pessoas e invisibilizados perante a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é necessário sequer questionar a dificuldade de adaptação, de forma geral, a esse momento que todos nós estamos vivendo. Enquanto educadores em formação, as dúvidas que pairam sobre nosso futuro profissional são inevitáveis e brutais. A pandemia desestabilizou toda as seções do país - e do mundo -, nos fazendo questionar sobre tudo e temer cada passo que damos. Como profissionais da educação, nossas reflexões pairam sobre como fazer Educação levando em conta todo o contexto que nos encontramos. De uma forma leve, eficaz e incluyente. Os tempos pedem por modificações e evoluções dos métodos pedagógicos visando o alcance de todos os alunos. O susto inesperado de ter que fechar as escolas e conduzir os processos de aprendizagem por uma tela de computador,

celular, tablet ou o que for, escancarou a necessidade que se fazia a muito tempo: Um currículo inclusivo. Um currículo pensando em todos, sem nenhum tipo de distinção. Escancarou também a dificuldade que é compreender a Educação Especial como uma parte de um conjunto gigante. Uma engrenagem, por muitas vezes esquecida, mas que faz parte de um ciclo, faz parte de um todo e que deve ser contemplada e respeitada.

Diante disso, os questionamentos não param, as reflexões não cessam e a vontade de lecionar aumenta cada vez mais. Ouvir e compreender as dificuldades e as vivências, da outra parte despertou em nós a vontade de ser cada vez melhor enquanto discentes em formação e mais do que isso: a vontade de ser melhor enquanto seres em eterna transformação.

Palavras-chave: Currículo; Pandemia; COVID-19; Educação Especial; Educação Inclusiva;

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M.; LIMA, M. NASCIMENTO, M. **Currículo e práticas docentes durante a pandemia de 2020**. 1 ed. Goiás: 2020.

GIL, A.C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4^a.ed. São Paulo, Atlas, 2002.

RECIFE. Secretaria de Educação. **Educação inclusiva: múltiplos olhares** / organização: Jacira Maria L'Amour Barreto de Barros, Katia Marcelina de Souza, Élia de Fátima Lopes Maçaira. – Recife: Secretaria de Educação, 2015. 104 p.: il. (Política de Ensino da Rede Municipal do Recife, v. 5).

ROGALSKI, Solange Menin. HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Rei**: Revista de Educação do Ideau, Alto Uruguai, v. 5, n. 12, p. 2-13, jul./dez. 2010. Semestral. Disponível em: https://www.passofundo.ideau.com.br/wp-content/files_mf/eca97c3f3c5bda644479e4c6a858f556168_1.pdf. Acesso em: 27 mar. 2021.